

## SOBRE O ESTÉTICO EM KIERKEGAARD

*Elisabete M. de Sousa*

(Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Pensar o estético em Kierkegaard passa inevitavelmente pela aceitação da dimensão poética da sua obra e pela problematização do que é comumente tido por estádio estético da existência. Apesar de a última década ter assistido a um significativo aumento no número de estudos que tomam o estético como uma das questões fulcrais, pode afirmar-se que ainda hoje só é consensual e unânime entre todos os sectores da crítica kierkegaardiana reconhecer que a sua condição de poeta confere à obra uma incontornável dimensão estética. Tomar o estético como uma categoria de importância idêntica ao ético e ao religioso na formação do indivíduo singular continua a surgir aos olhos de muitos como *vexata quaestio*. E contudo, nem sempre foi assim. São por vezes factores relacionados com o contexto histórico europeu ou o da própria história da filosofia a explicar como, por um lado, se ergueram linhas de tensão entre o reconhecimento de uma validade estética na obra de Kierkegaard e o imperativo de retirar uma verdade normativa dos seus escritos, e, por outro lado, se criaram soluções que só na aparência resolvem a conflitualidade hermenêutica que persiste quando a matéria em estudo é a circunscrição da categoria do estético. O presente artigo não é obviamente um comentário exaustivo do estado da arte desta questão. Incide em particular sobre duas perspectivas unilaterais da questão do estético que têm impedido que seja encarado com a relevância que lhe é devida: a sua assunção como estádio a superar na formação do indivíduo singular, e a sua consideração enquanto mero atributo para qualificar a natureza particular da obra do autor. Os caminhos percorridos

pelo estético ao longo da recepção de Kierkegaard que aqui apresentamos, maioritariamente retirados da crítica anglo-saxónica, escandinava e alemã, são os que julgamos necessários para ilustrar os conflitos e tensões que acabámos de expor e para fundamentar a pertinência de encarar o estético como uma categoria compósita, mas una.

Não é de estranhar que a categoria do estético em Kierkegaard apresente ainda tanto por explorar. Afinal, o filósofo dinamarquês permanece desconhecido por muitos e parcialmente conhecido por outros tantos. Se em parte é este o destino de muitos filósofos, cuja produção no seu conjunto, seja qual for a extensão, é muitas vezes relegada a favor de uma ou de outra obra mais marcante para a história da filosofia, no caso de Kierkegaard, verifica-se com uma frequência assinalável, mesmo entre aqueles que por vezes quase exclusivamente se dedicam ao estudo do pensador dinamarquês, que a questão do estético é ignorada ou submetida a um tratamento que a deixa na dependência total de outras categorias consideradas maiores. Se bem que seja compreensível que a combinação da diversidade de matérias com as diferentes focalizações a que são sujeitas pelos diversos autores, em obras de géneros igualmente diversificados, conduza a uma especialização ou a uma concentração de esforços num determinado campo, já não é tão compreensível que, por exemplo, em livros de apresentação genérica do autor, chegue a ser ignorada a questão do estético, mesmo até nos aspectos atrás mencionados<sup>1</sup>.

A posteridade de Kierkegaard está tão marcada por clivagens na sua recepção que, ao seguirmos determinadas linhas dos percursos que emanaram do seu pensamento desde a sua morte em 1855, somos levados

---

<sup>1</sup> Fazem disso prova os comentários a *Ou-Ou. Um Fragmento de Vida* em quatro obras introdutórias ao pensamento de Kierkegaard, já que a primeira parte desta obra é tida justamente como o marco inaugural do mapeamento do estético na produção kierkegaardiana. Em *Kierkegaard. Past Masters*, Oxford: Oxford U.P., 1988, no capítulo «Modes of existence», em especial, pp. 41-61, Patrick Gardiner, resume em traços gerais a visão oferecida na primeira e na segunda partes, confrontando os pontos de vista dos autores A e B, acompanhados apenas de sugestões de comentário filosófico. Quase vinte anos depois, M. Jamie Ferreira, em *Kierkegaard. Blackwell Great Minds 8*, Chichester: Blackwell, 2009, p. 18-30, dedica cerca de duas páginas e meia ao prefácio de *Ou-Ou*, menos de uma página à primeira parte, e as restantes à segunda parte, concluindo com uma análise ainda extensa de «Ultimatum», e uma conclusão final sobre a obra. Por seu turno, C. Stephen Evans, *Kierkegaard. An Introduction*, Cambridge: Cambridge U.P., pp. 68-8, seguindo uma orientação em que se mantém a distinção entre três estádios de existência, já diferencia «formas de vida estética» e «tipos de esteta» (imediate e reflexivo). Em *Kierkegaard. Grundwissen Philosophie*, Stuttgart: Reclam, 2014, Richard Purkardhofer opta por uma abordagem transversal do estético, destacando um conjunto de aspectos a partir de uma selecção de obras de Kierkegaard que o colocam como filósofo da modernidade, reservando o seu próprio comentário sobre o estético para a introdução e para as secções finais.

a crer que estamos diante de dois ou de três autores diferentes e não de um único, circunstância que causa ao leitor actual mais problemas do que qualquer uma das leituras retrospectivas que se encontram nos escritos de Kierkegaard sobre a sua própria produção<sup>2</sup>. Ora, é exactamente a leitura atenta destes mesmos textos que me leva a concluir que, subjacente a toda a obra de Kierkegaard, está de facto a ideia de que a expressão com que se auto-designa em *O Ponto de Vista da Minha Obra como Autor* é para ser lida num movimento de acção recíproca entre duas qualidades: ser-se poeta e ser-se religioso. Tratando-se de uma obra confessional e de auto-análise, guardada para publicação póstuma, e sabia-o Kierkegaard certamente, para acesa discussão futura, achamos pertinente entendê-la na reciprocidade dos dois termos. Ao utilizar a expressão ‘poeta religioso’<sup>3</sup> Kierkegaard não está meramente a afirmar-se como poeta que professa uma religião. Se não o tivesse deixado escrito, continuaríamos a constatar a indelével presença de Deus na operacionalidade do seu pensamento e no próprio teor dos seus escritos. Perto dessa confissão, Kierkegaard reitera que tudo o que escreveu até à publicação de *Postscriptum Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas*, incluindo portanto dezoito discursos edificantes, é constituído por escritos estéticos<sup>4</sup>. Pensemos esta declaração em paralelo com o conteúdo semântico da expressão ‘poeta religioso’, relembrando que *Digter* (como *Dichter* em alemão) designava à época o poeta e o escritor. Designar-se como poeta religioso, dentro dos sentidos que a expressão transporta, partilhados aliás em muitas línguas, é ter-se como poeta crente em Deus, como um seguidor de uma religião, mas também, quando a ênfase é colocada no recipiente do atributo e não no atributo em si, é ter-se por alguém que se auto-qualifica como cultivador da sua arte como se de uma religião se tratasse, alguém que impõe a si próprio um dever religioso enquanto obreiro da escrita, alguém que cumpre

---

<sup>2</sup> Designadamente: da obra de Johannes Climacus, em *Postscriptum Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas*: «Henblik til en samtidig Stræben i dansk Litteratur», in *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift. Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 7, ed. Niels Jørgen Cappelørn, Joakim Garff, Jette Knudsen, Johnny Kondrup e Alastair McKinnon, Copenhagen: Gads Forlag, 2002, pp. 228-273; «Forstaaelsen med Læseren», *ibidem*, pp. 560-566; «En første og sidste Forklaring», *ibidem*, pp. 569-573. E *O Ponto de Vista da Minha Obra como Autor, Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed, Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 16, ed. Niels Jørgen Cappelørn, Joakim Garff, Johnny Kondrup, Tonny Aagaard Olesen e Steen Tullberg, Copenhagen: Gads Forlag, 2012, pp. 5-106. Doravante *Søren Kierkegaards Skrifter* é abreviado como *SKS*, com indicação do número de volume em algarismos árabes, seguido de página.

<sup>3</sup> *SKS*, vol. 16, p. 16.

<sup>4</sup> *Ibid.*, pp. 15; p. 17.

religiosamente a sua tarefa de escritor. Admitir que assim é não retira de toda a relevância do conteúdo religioso dos escritos de Kierkegaard, antes pelo contrário, visto que resolve, em parte, a sua afirmação de que de toda a sua produção é estética, desde *Ou-Ou. Um Fragmento de Vida* até ao *Postscriptum Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas*, obra que, curiosamente, em *O Ponto de Vista* é classificada como nem sendo poética, nem sendo religiosa, e é, talvez, por isso, escolhida como charneira entre as duas divisões impostas pelo autor neste seu mesmo escrito. Estudos recentes<sup>5</sup> fazem, aliás, sobressair a estreita relação entre o poético e o religioso ao longo de toda a produção do autor, incluindo obras nas quais o religioso parece ocupar um lugar subalterno, e corroboram a ideia que defendemos, designadamente, a de ser o estético a força dinâmica da produção do autor.

A conflitualidade de determinadas leituras críticas da obra de Kierkegaard tem raízes evidentes em pontos de vista que estão presos à concepção do pensador arauto de uma religião, acrescida de uma ancilar fidelidade à condenação platónica da poesia. Ora, no caso do pensador dinamarquês, é conveniente ser rigoroso, já que, na verdade, estamos diante do grande denunciador do que o Cristianismo não deve ser para que não se veja coarctada a possibilidade de o indivíduo se tornar cristão. E é esta situação de um filósofo-poeta, que continuada e diversificadamente aponta o dedo à religião estabelecida, a deixá-lo duas vezes mais vulnerável a ser expulso das cidades que o podem reclamar como cidadão – a teologia, a filosofia, a literatura. De facto, ainda hoje é posta em questão, não a validade do seu contributo como teólogo do Cristianismo, mas a pertinência qualitativa das suas propostas, o que por si só ilustra o impacto da sua intervenção quer no seio da Igreja Luterana, quer no da Igreja Católica, fazendo obviamente oscilar a sua própria definição enquanto pensador.

No seio da Igreja Católica, esse impacto foi mais tardio, podendo datar-se do período em que o pensador dinamarquês surgiu como figura maior nos primórdios do movimento existencialista em França. E neste seu papel, como é sabido, imperam as questões da liberdade, do absurdo, do desespero, abordadas na perspectiva da situação existencial do ser humano, e já não de todo a ênfase na necessidade de o indivíduo singular cultivar uma busca dinâmica de Deus na sua existência, traduzível num auto-conhecimento de si enquanto criatura divina, que, no amor a si próprio e ao próximo, se encontra com o amor desse seu deus criador. Mais do que uma superação, trata-se neste caso de ir para além de si mesmo, de ser capaz de concretizar o amor divino nas obras do amor que a si

---

<sup>5</sup> Vd. adiante nota 21.

mesmo e ao próximo deve, em suma, saltar um abismo que no movimento existencialista é tido por insuperável. Acontece que a contraposição de duas visões do indivíduo enquanto ser que procura o amor divino, ou que deixou em absoluto de o encontrar dentro ou fora do abismo, acabou por conduzir a um exacerbamento de Kierkegaard como autor cristão, em detrimento do relevo que poderia ter sido dado ao escritor que se cumpre religiosamente, numa dualidade activa e actuante, da qual o salto sobre o abismo também pode constituir metáfora. Em torno do movimento existencialista, prolongando-se mesmo pela década de sessenta do século vinte, sucederam-se, assim, leituras, por vezes de contornos antagónicos, de categorias-chave desenvolvidas por Kierkegaard na esfera do religioso, nas quais se detectam pontos de contacto com os protocolos de tradução que presidiram às primeiras traduções sistemáticas da obra de Kierkegaard em italiano, inglês e francês. Estas, por seu turno, estão marcadas pela identidade religiosa dos estudiosos que inicialmente as concretizaram, designadamente Cornelio Fabro, S.J., em Itália e David F. Swenson, luterano, nos Estados Unidos, sendo o caso francês ainda mais complexo, não só porque as primeiras traduções nasceram já durante o confronto de posições filosoficamente consolidadas sobre o pensamento de Kierkegaard, designadamente as de Jean Wahl<sup>6</sup> e de Lev Shestov<sup>7</sup>, como por terem tido essas mesmas traduções um papel fundamental na recepção de Kierkegaard durante o existencialismo.

Sensivelmente durante este período, o estético viu-se relegado para um patamar inferior, dentro duma noção de estádios (estético-ético-religioso) entendidos em sucessão dialéctica, pressupondo-se assim que o culminar da existência do homem é a sua existência como cristão, atingida por superação de estádios anteriores<sup>8</sup>. Foi como se, na voragem da ascensão do nazismo e da hecatombe da Segunda Guerra Mundial, o que tivesse ficado retido da obra de Theodor Adorno de 1933, *A Construção do Estético*, em relação ao tópico dos estádios, tivesse apenas sido a equivalência que Adorno introduziu entre estados e esferas, e a observação de que os estádios (quer os do erótico-musical quer os estádios estético, ético e religioso) só

---

<sup>6</sup> Jean Wahl, *Études Kierkegaardienes*, Paris: Aubier, 1938; Paris: Librairie J. Vrin, 1967.

<sup>7</sup> Refiro-me em particular às lições na Sorbonne em 1925, e também a *Kierkegaard et la philosophie existentielle («Vox clamantis in deserto»)* [*Kirkegard i êkzistencial'naâ filosofîâ (Glas vopiûcêgo v pustyne)*], na tradução de T. Rageot e Boris de Schloezer, Paris: Éditions Vrin, 1939 e 1948; re-editado em 1998.

<sup>8</sup> Vd. Jean Wahl, 1967, pp. 48-143. Repare-se no título da tradução de *Stadier paa Livets Vei* em francês: *Étapes sur le Chemin de la Vie* (1948).

podem ser lidos à luz de Hegel<sup>9</sup>. É sabido como a obra de Adorno está marcada pelo contexto histórico em que foi escrita e publicada, o contexto político da própria Alemanha, e o da recepção de Kierkegaard por M. Heidegger e por E. Hirsch. E é hoje reconhecido que a *Habilitationschrift*, mais do que um texto sobre o estético em Kierkegaard, é um libelo contra a recepção de Kierkegaard contemporânea de Adorno, e simultaneamente um manifesto que contém em si o germen do pensamento posterior do próprio Adorno<sup>10</sup>. Mas é habitual ficar esquecido que, aquando da génese e publicação de *A Construção do Estético*, a dimensão estética e poética de Kierkegaard estava solidamente consolidada na Escandinávia e na própria Alemanha, graças à magnitude do contributo de poetas, dramaturgos e romancistas maiores das primeiras décadas do século vinte, entre outros, Kafka, Thomas Mann, Rilke, H. Ibsen e A. Strindberg, e que isso pode ter pesado sobre o modo como Adorno analisa o estético em Kierkegaard, designadamente na ênfase que também coloca na articulação entre o poético e o religioso. De facto, logo a partir da divulgação levada a cabo por Georg Brandes<sup>11</sup>, ainda na década de setenta do século dezanove, Kierkegaard vira consagrada a validade estética e poética a par do conteúdo filosófico e teológico das suas obras.

É aliás da Dinamarca que partirá em 1954 o novo fôlego para acalantar a percepção de que a dimensão poética é a massa aglutinadora de toda a obra, com a publicação de *Kierkegaards Romaner* de Aage Henriksen<sup>12</sup>, o primeiro grande estudo que analisa «Diário do Sedutor», *A Repetição* e «Culpado-Não-culpado?» enquanto narrativas romanescas, e a escrita de Kierkegaard como ficção. Contudo, parece não ter tido eco imediato, pois, contrariamente ao que seria expectável, tendo em conta o impacto do

---

<sup>9</sup> Theodor Adorno, *Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen*, in *Gesammelte Schriften*, vol. 2, ed. Rolf Tiedemann, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997. Edição consultada: *The Construction of the Aesthetic*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, p. 88.

<sup>10</sup> Vd. Marcia Morgan, «Kierkegaard, Philosophical Fragments, and Critical Theory», in *Kierkegaard in Lisbon*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 158-162.

<sup>11</sup> Georg Brandes, «Søren Kierkegaard», in *Samlede Skrifter*, Copenhagen: Gyldendalske Boghandels Forlag (F. Hegel & Son), 1899, pp. 249-418. Em alemão: *Die Hauptströmungen der Literatur des neunzehnten Jahrhunderts* (tradução de *Hovedstrømminger i det nittende aarhundredes Litteratur*), Vorlesungen, gehalten an der Kopenhagener Universität, Berlin: Duncker, 1872-1876.

<sup>12</sup> Aage Henriksen, *Kierkegaards Romaner*, Copenhaga: Gyldendal, 1954. Curiosamente, data do mesmo ano, o primeiro grande estudo sobre o pensamento antropológico: Johannes Sløk, *Die Anthropologie Kierkegaards*, Copenhaga: Rosenkilde und Bagger Verlag, 1954.

movimento existencialista nas artes, em especial no teatro e no romance, continuam até hoje escassos os estudos sobre a presença do pensamento kierkegaardiano no teatro sartreano<sup>13</sup>, embora o gênero narrativo tenha sido mais bem sucedido, registrando-se um número assinalável de estudos, por exemplo, sobre Albert Camus<sup>14</sup>.

Data sensivelmente do mesmo período o aparecimento de estudos e ensaios que tomam conjuntamente Kierkegaard e Nietzsche propondo leituras que os colocam em trilhos diferentes no alvor do modernismo, apesar de partilharem características na escrita e no labor filosófico, designadamente a diversidade estilística e uma acentuada vertente polémica. Embora a associação entre Kierkegaard e Nietzsche permaneça um filão inesgotável, vendo-se assim frequentemente reunidos, em antologias e estudos conjuntos, e não só relativos a outros autores-chave para o existencialismo, tais como Heidegger, Sartre, Jaspers, ou Marcel, há uma notória ausência de estudos comparativos sobre o seu pensamento estético<sup>15</sup>, como aliás constatei no pequeno artigo que lhes dediquei, no qual, partindo da ligação entre a visão apaixonada de ambos sobre a música, exploro os pontos de contacto presentes na estruturação da respectiva crítica musical<sup>16</sup>.

A virulência anti-hegeliana que os escritos de Kierkegaard por vezes atingem constituiu durante bastante tempo um obstáculo a que se definisse os contornos da continuidade ou da descontinuidade em relação a Hegel. Todavia, graças a estudos de largo espectro e igual profundidade como os de Merold Westphal e de Jon Stewart em relação a Hegel, e os de

---

<sup>13</sup> Sobre Samuel Beckett, vd. Anurag Sharma, «Waiting for Godot: a Beckettian counterfoil to Kierkegaardian existentialism», in *Samuel Beckett Today/Aujourd'hui*, vol. 2, *Beckett in the 1990s*, Amsterdam, Atlanta, GA.: Rodopi, 1993, pp. 275-280.

<sup>14</sup> Matustik aproxima as «máscaras dramáticas» de Kierkegaard do jogo dramático no teatro do absurdo. Vd. Martin J. Beck Matustik, «Kierkegaard's existential philosophy and praxis as the revolt against systems», in *The Edinburgh Encyclopedia of Continental Philosophy*, ed. Simon Glendinning, Edinburgo: Edinburgo U.P., 1999, pp. 115-127; pp. 117-118.

<sup>15</sup> Kai Hammermeister, «Kierkegaard and Nietzsche», in *The German Aesthetic Tradition*, Cambridge, U.K., New York: Cambridge U.P., 2002, pp. 128-147. Mais do que um estudo comparativo, trata-se de um artigo em duas secções diferenciadas, nas quais Hammermeister analisa separadamente o modo como Nietzsche e Kierkegaard desafiam os paradigmas estéticos precedentes, designadamente os que ele próprio destacou na primeira parte da obra: Baumgarten, Kant, Schiller, Schelling e Hegel.

<sup>16</sup> «Musical controversies in Nietzsche and Kierkegaard», in *Nietzsche and German Idealism and its Critics*, ed. Katya Hay e L. R. dos Santos, Berlin, New York: Walter De Gruyter, 2015.

Ronald Greene, em relação a Kant<sup>17</sup>, é hoje possível discernir a crítica aos hegelianos dinamarqueses e à prática filosófica contemporânea de Kierkegaard enquanto formação, enquanto *Dannelse* (correspondente a *Bildung*), e, por outro lado, distinguir o que é crítica à filosofia (e à teologia) sistemática do que é crítica à institucionalização da filosofia e da teologia que Kierkegaard testemunhou, e, na base desses dados, construir uma nova visão sobre o legado de Kant e de Hegel. Porém, mais uma vez, a contra-proposta de Kierkegaard à hierarquia das artes hegeliana, que não é apenas indirecta através de uma hipotética resposta à sistematização dos géneros teatrais por J. L. Heiberg, o introdutor de Hegel na Dinamarca, ou a resposta de Kierkegaard ao sublime de Kant através da exploração do conceito de patético inspirado em Schiller, tendem a ser questões abordadas em análises centradas em obras particulares do autor<sup>18</sup>.

A partir dos anos sessenta do século passado, surgiram com maior frequência estudos centrados no papel que a dimensão estética traz para o entendimento filosófico e teológico da obra de Kierkegaard. Trabalhos seminais como o de Louis Mackey, com a defesa aberta da poiese kierkegaardiana, e cerca de vinte anos mais tarde, o de Roger Poole<sup>19</sup> sobre a problemática da comunicação indirecta, abriram caminho a que progressivamente se aprofundasse a análise da(s) escrita(s) kierkegaardiana(s) como um factor hermenêutico determinante<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Apenas a título de exemplo, vd. Merold Westphal, *Hegel, Freedom, and Modernity*, Albany. New York: SUNY Press, 1992; Jon Stewart, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, Cambridge, Cambridge U.P., 2003; Ronald Green, *Kierkegaard and Kant – The Hidden Debt*, New York, State University of New York Press, 1992, e mais recentemente, *Kant and Kierkegaard on Time and Eternity*, Macon: Mercer U.P., 2011. Vd. tb. Roe Fremstedal, *Kierkegaard and Kant on Radical Evil and the Highest Good: Virtue, Happiness, and the Kingdom of God*, London, New York: Palgrave, 2014.

<sup>18</sup> Um exemplo possível encontra-se em «O salto para a eternidade», a minha introdução à tradução portuguesa de *Temor e Tremor*, Lisboa: Relógio d'Água, pp. 9-38. Vd. tb. Bo Kampmann Walther, «Web of Shudders: Sublimity in Søren Kierkegaard's *Fear and Trembling*», MLN (*Modern Language Notes*), vol. 112, n.º 5, 1997, pp. 753-758.

<sup>19</sup> Louis Mackey, *A Kind of Poet*, University of Pennsylvania Press, 1971; Roger Poole, *Kierkegaard: The Indirect Communication*, University of Virginia Press, 1993.

<sup>20</sup> A simples consulta da bibliografia reunida por Julia Watkin em *Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy* (Landham, Maryland, and London: The Scarecrow Press, Inc., 2001), permite compreender como sob a designação de 'estético' se incluía ainda nesta data tudo quanto diz respeito à questão do autor e à sua produção, a par de estudos especificamente centrados sobre a sua relação com a arte. Vd. «Kierkegaard and Aesthetics», *ibidem*, pp. 296-300. Por seu turno, em *Kierkegaard. Critical Assessments of Leading Philosophers*, vols. I-IV, ed. Daniel W. Conway, London: Routledge, 2002, a dimensão estética e a estético-ética surge em dois volumes distintos: o primeiro, *Authorship and Authenticity: Kierkegaard and his Pseudonyms*, e o quarto, *Social and Political*

Progressivamente, a identificação da complexidade retórica patente em toda a produção de Kierkegaard obrigou a que se tomasse em consideração na hermenêutica kierkegaardiana os diferentes elementos constituintes e o modo como interagem, designadamente, os pseudónimos, as modalidades de comunicação, a individualização do leitor, a multiplicidade de géneros literários, a especificidade da estrutura de cada obra mesmo que possa ser classificada como próxima de outra. A aceitação de que a especificidade dessa interacção está íntima e inexoravelmente ligada ao que em cada uma dessas obras é dito, está no cerne de críticos prolíferos que mantêm sempre no seu horizonte a dimensão poética da produção do filósofo dinamarquês, se bem que seja habitualmente tratada segundo o respectivo grau de instrumentalidade em relação à análise do religioso<sup>21</sup>.

Contudo, a meu ver, é novamente da Dinamarca que provém o impulso para que o estético pudesse finalmente libertar-se dos limites do poético e, por essa via, ser perspectivado para além da ligação com o religioso. Em 1972, Kresten Nordentoft publicou *Kierkegaards Psikologi*<sup>22</sup>, que representa um salto qualitativo na análise da produção do filósofo dinamarquês, quanto ao ponto de vista metodológico, e quanto aos resultados alcançados, já que propõe um redireccionamento à abordagem do indivíduo singular. Partindo da análise de toda a obra em plano sincrónico, Nordentoft não só elenca de maneira sistemática diversos modelos de descrição psicológica, como, nas secções finais, à luz do que acabara de expor sobre o conteúdo psicológico do pensamento de Kierkegaard, revisita questões como o autor-poeta, as modalidades de comunicação, e o confronto entre a vertente antropológica e a vertente psicológica. Por seu turno, em 1978, Merete Jørgensen publicou o primeiro grande estudo em que a vida e a obra de Kierkegaard são analisadas através da relação entre os dois tipos de crítica nela contida, a crítica estética e a crítica ética, com base numa selecção de textos de crítica literária do autor, extraídos de várias obras<sup>23</sup>. Mesmo que se conteste

---

*Philosophy: Kierkegaard and the 'Present Age'.*

<sup>21</sup> Sylvia Walsh e George Pattison são dois excelentes exemplos de críticos que cabem nesta descrição, com Pattison a desempenhar um papel mais activo no destaque à ligação de Kierkegaard com a cultura do seu tempo, em obras como *Kierkegaard and the Quest for the Unambiguous Life: Between Romanticism and Modernism - Selected Essays*, Oxford: Oxford U.P., 2013, ou *Kierkegaard, Religion and the Nineteenth-Century Crisis of Culture*, Cambridge: Cambridge U.P., 2002.

<sup>22</sup> Kresten Nordentoft, *Kierkegaards Psikologi*, Copenhaga: G.E.C. Gad, 1972; tradução inglesa de Bruce H. Kirmmse, *Kierkegaard's Psychology*, Pittsburgh, Pennsylvania: Dusquene U.P., 1978; reimpressão, Eugene, Orgeon: Wippf and Stock, 2009.

<sup>23</sup> Merete Jørgensen, *Kierkegaard som kritiker. En undersøgelse af forholdet mellem det æstetiske og det etiske i Kierkegaards litterære kritik*, Copenhaga: Gyldendal, 1978. Vd.

o seu lugar como marcos inaugurais de uma nova metodologia de análise da obra kierkegaardiana, em face do contributo das análises antropológicas, algumas delas comparativas, então já em progresso, os estudos de Nordentoft e de Jørgensen matam a fecundidade de qualquer ideia de uma esfera estética da existência tida como circunscrita a uma fase inicial de desenvolvimento do sujeito, e assinalam o fim da compartimentação da existência em estádios, ou esferas, delimitados por um conteúdo específico, e dotados de uma espécie de volição selectiva. O destaque concedido à imensa capacidade crítica do pensador dinamarquês possibilitou novas leituras de obras já consagradas como marcos para a análise do tratamento da subjectividade humana, designadamente *O Conceito de Angústia e Doença para a Morte*<sup>24</sup>, as quais, por sua vez, alargaram o âmbito dos estudos sobre a designada antropologia kierkegaardiana. Além disso, também estes estudos abriram caminho à possibilidade de ser pensada uma vertente fenomenológica<sup>25</sup>, e incentivaram os estudos sobre as implicações do pensamento kierkegaardiano para a psicanálise e para a psiquiatria, fazendo ressurgir o interesse pelo estudo de categorias como o humor, a melancolia, e o amor, noutros contextos que não aqueles em que até então tinham sido comumente tratadas, por exemplo, os contrastes com a ironia romântica ou a ironia socrática, com o desespero ou a acédia ou com a tipologia do poeta romântico, ou com o amor cristão.

A partir dos finais do século passado assiste-se a um influxo de estudos nos quais já se pressupõe que toda a produção de Kierkegaard reflecte um diálogo intenso com várias tradições que não apenas a filosófica, a teológica, e a literária, e que esse diálogo assume necessariamente formas e modalidades diferentes em cada uma das obras. Não é evidentemente alheio a este influxo, o facto de a tradução americana das obras completas ter ficado concluída neste período, e que seja neste exacto momento que se inicia a publicação da quarta edição das obras completas do autor<sup>26</sup>. A transição para o

---

lista dos textos escolhidos, p. 11.

<sup>24</sup> Na impossibilidade de elencar o muito que se tem feito nesta área, não posso deixar de mencionar Arne Grøn, *Begrebet Angst hos Søren Kierkegaard*, Copenhaga: Nordisk Forlag, 1994; tradução inglesa de Jeanette B. L. Knox, *The Concept of Anxiety in Søren Kierkegaard*, Macon, Georgia: Mercer U.P., 2008. E Michael Theunissen, *Der Begriff Verzweiflung: Korrekturen an Kierkegaard*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993; tradução inglesa de Barbara Harshav e Helmut Illbruck, *Kierkegaard's Concept of Despair*, Princeton: Princeton U.P., 2005.

<sup>25</sup> Vd. adiante nota 28.

<sup>26</sup> *Kierkegaard's Writings*, Princeton U.P., 1978-2000. E *Søren Kierkegaards Skrifter*, Gads Forlag, 1997-2013.

novo milénio trouxe um conjunto de respostas ao pensamento de Kierkegaard assumidamente pós-modernas, ou desconstrucionistas, ou fenomenológicas<sup>27</sup>, ou apontando para uma ética social no pensamento do autor<sup>28</sup>, ao mesmo tempo que viu surgir um conjunto significativo de monografias dedicadas, por um lado, ao aprofundamento do legado filosófico herdado por Kierkegaard, e por outro lado, ao diálogo das mais recentes posições filosóficas sobre o pensamento social e político com os escritos de Kierkegaard<sup>29</sup>. E embora se continue a publicar estudos em que a tese dos estádios, isoladamente ou em progressão, persiste, também é verdade que é cada vez mais problematizada<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> A título de exemplo, ed. Martin J. Matušík and Merold Westphal, *Kierkegaard in post/modernity*, Bloomington: Indiana U.P., 1995; ed. Poul Houe et al., *Anthropology an Authority. Essays on Søren Kierkegaard*, Amsterdam; Atlanta, GA: Rodopi, 2000; ed. John Davenport e Anthony Rudd, *Kierkegaard After MacIntyre. Essays on Freedom, Narrative and Virtue*, Chicago and La Salle, Illinois: Open Court, 2001; ed. Elsebet Jegstrup, *The new Kierkegaard*, Bloomington: Indiana U.P., 2004; ed. Jeffrey Hanson, *Kierkegaard as phenomenologist: an experiment*, Evanston, Illinois: Northwestern U.P., 2010.

<sup>28</sup> Constituem bons exemplos desta abertura às mais variadas temáticas vertentes do pensamento, filosófico, político-social, teológico, e literário, as três mais recentes grandes séries dedicadas à obra de Kierkegaard, as quais, com incidência variável, dada a própria natureza dos respectivos protocolos de organização, permitem uma panorâmica não só das diferentes abordagens à obra de Kierkegaard, como também o desenhar de linhas de conflitualidade aí presentes, que não cabe no âmbito deste artigo analisar. Trata-se de *International Kierkegaard Commentary* (Macon, Georgia: Mercer U.P., ed. Robert Perkins, concluída em 2010), *Kierkegaard Monograph Series* (Berlin, New York: Walter De Gruyter, ed. N. J. Cappelørn et al.), e *Kierkegaard's Research: Reception, Sources and Resources* (Aldershot: Ashgate, ed. Jon Stewart et al.). É esta última que mais espaço dedica ao lugar da literatura na obra de Kierkegaard, quer nos capítulos dos volumes de recepção quer nos de fontes ou nas entradas da série *Resources*, em particular os tomos dos volumes *Kierkegaard's Literary Figures and Motifs* e *Kierkegaard's Pseudonyms*.

<sup>29</sup> Duas publicações recentes reflectem sobre o relevo de Kierkegaard para a discussão da morte, ou sobre a sua inserção no conjunto dos anti-filósofos categorizados por Alain Badiou. Vd., respectivamente, Patrick Stokes e Adam J. Buben, *Kierkegaard and Death*, Bloomington & Indianapolis: Indiana U.P., 2011; e Boris Groys, *Introduction to Antiphilosophy*, London, New York: Verso, 2012.

<sup>30</sup> A este título, vd. Lee C. Barrett, *Eros and Self-emptying. The Intersections of Augustine and Kierkegaard*, Grand Rapids, USA, Cambridge, UK: WM. B. Eerdmans Publishing Co., 2013; pp. 133-50 e 154-155. É interessante contrastar a fecundidade desta análise de Barrett com o retorno à visão tradicional sobre os estádios da existência em progressão, defendida por John Davenport em *Narrative Identity, Autonomy, and Mortality: From Frankfurt and Macintyre to Kierkegaard*, Routledge Studies in Contemporary Philosophy (Book 36), London, New York: Routledge, 2012, pp. 121-129. Para a ligação entre as modalidades de existência e as linguagens de comunicação, vd. *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, n.º3-4, Jul-Dez. 2013, dedicado inteiramente a Kierkegaard sob o tema «Communicare l'esistenza: la singolarità e i suoi linguaggi».

Reservo a parte final deste artigo para privilegiar alguns dos caminhos que a questão do estético tem percorrido nos últimos dez anos. O estudo fundamental para a recolocação da questão do autor é sem dúvida o de Joseph Westfall de 2007, *The Kierkegaardian Author. Authorship and Performance in Kierkegaard's Literary and Dramatic Criticism*<sup>31</sup>. A articulação do título e do subtítulo demonstra cabalmente como Westfall, a partir de uma matéria-prima que se resume a textos de crítica e a artigos de jornal, na realidade, analisa a problemática da apresentação e representação, fulcral para o entendimento da abrangência do tratamento do estético por Kierkegaard em todos os seus planos. No âmbito dos estudos comparativos mais recentes, destaco os de Leonardo Lisi e de Eric Ziolkowky<sup>32</sup> que articulam o estético com o filosófico através da correlação que estabelecem entre a questão autoral e o conteúdo das obras de Kierkegaard no contributo que trazem para a modernidade literária e filosófica que no tempo dele se iniciava. Dentro dos estudos comparativos inter-artes, designadamente com o teatro e a música, para os quais eu própria tenho contribuído<sup>33</sup>, Carl S. Hughes publicou recentemente um conjunto de estudos sobre textos particulares extraídos de momentos diversificados da produção de Kierkegaard em que salienta como traço comum a todos eles o efeito performativo resultante do tratamento retórico que esses textos encerram<sup>34</sup>. No seu conjunto, estes estudos, reconhecendo a operacionalidade transversal de uma categoria estética, não a problematizam em si. Usam-na dentro do plano que preside à investigação realizada e que pode ir, por

---

<sup>31</sup> Joseph Westfall, *The Kierkegaardian Author. Authorship and Performance in Kierkegaard's Literary and Dramatic Criticism*, Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2007. Vd. em particular como na análise de *A Crise e Uma Crise na Vida de uma Atriz*, pp. 240-270, Westfall questiona a divisão da obra proposta por Kierkegaard em *Sobre a Minha Obra como Autor*, e como inscreve a crise de representação de Kierkegaard enquanto autor na crise de representação que constitui o tópico do artigo em questão.

<sup>32</sup> Leonardo F. Lisi, *Marginal modernity: the aesthetics of dependency from Kierkegaard to Joyce*. New York: Fordham U.P., 2013. E Eric J. Ziolkowsky, *The Literary Kierkegaard*, Evanston, Illinois: Northwestern U.P., 2011.

<sup>33</sup> Destaco os mais recentes: «The idea of Virtuosity in Kierkegaard's Thought», *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, n.º 3-4, 2013, pp. 987-1000, cuja segunda parte será publicada em 2015 – «Kierkegaard: a Virtuoso on many strings», *Kierkegaard und das Theater*, ed. Klaus Müller-Wille e Sophie Wennerscheid, Beiträge zur Nordischen Philologie, Vol. 56. Tübingen: Francke, no prelo; e ainda outro artigo também no prelo, «Virtuosity and Incarnation», *Metamorphosen des Heiligen. Vergemeinschaftung durch Sakralisierung der Kunst* (Reihe: Religion und Aufklärung), ed. Hermann Deuser, Markus Kleinert e Magnus Schlette, Tübingen: Mohr Siebeck.

<sup>34</sup> Carl S. Hughes, *Kierkegaard and the Staging of Desire. Rhetoric and Performance in a Theology of Eros*, New York: Fordham U.P., 2014.

exemplo, da valorização da combinação do plano religioso e do plano ético, ou à questão autoral, à teorização psicológica, à modernidade da escrita, entre outros aspectos, o que é evidentemente de todo o mérito. Falta, a meu ver, tomar o estético como categoria de idêntico peso ao ético e ao religioso e ir para além de uma visão do estético como lugar de encontro das características da obra do autor e da instância autoral, ou de discussão do seu lado performativo, ou da subjectividade, ou da elencagem de visões ‘estéticas’ da vida nela contidas. Com efeito, para podermos compreender a abrangência da categoria, ela terá de ser pensada na herança filosófica de Friedrich Schiller e na teorização de Gotthold E. Lessing, indo ainda para além dos escritos sobre a educação estética do primeiro<sup>35</sup>, e do papel na definição do religioso que o segundo certamente assume para o pensador dinamarquês<sup>36</sup>. Será, a meu ver, nos textos de teorização filosófico-literária sobre teatro destes dois autores, nas implicações estéticas, éticas e políticas com que circunscrevem a componente formativa que ambos atribuem ao teatro, e no destaque dado à intervenção do Estado na defesa do teatro nacional, que iremos buscar uma parte determinante para o entendimento do papel dinâmico do estético, enquanto elemento fulcral de orientação para a prática da *Dannelse*, proposta por Kierkegaard. Nesses textos de Schiller<sup>37</sup> e Lessing<sup>38</sup> encontram-se os elos que nos faltam para entender, por exemplo, a resposta de Kierkegaard ao sublime em Kant e em Schiller, as implicações da teatralidade da escrita e dos estilos kierkegaardianos para a posição de Kierkegaard diante das propostas kantianas e hegelianas sobre a arte, mas também sobre a moral, ou o papel determinante do indivíduo singular como espectador e observador na construção do indivíduo existencial.

---

<sup>35</sup> Sobre a questão de *Dannelse* e a influência de Schiller na ideia de formação do homem, a partir dos seus escritos sobre educação estética (em particular, *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen*), vd. a recente dissertação de doutoramento de Anna Strelis, *Till we have selves. Formative education in Kierkegaard*, The New School, 2014.

<sup>36</sup> A este título, vd. Jan-Olav Henriksen, *The Reconstruction of Religion. Lessing, Kierkegaard, and Nietzsche*, Grand Rapids, USA, Cambridge, UK: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2001.

<sup>37</sup> Em particular, os escritos relacionados com a teoria teatral: *Was kann eine gute stehende Schaubühne eigentlich wirken*; [*Ankündigung der Rheinischen Thalia*]; *Über Egmont, Trauerspiel von Goethe*; *Was heißt und zu welchem Ende studiert man Universalgeschichte*; *Über Bürgers Gedichte*; *Über den Grund des Vergnügens an tragischen Gegenständen*; *Über die tragische Kunst*; *Kallias oder über die Schönheit*; *Über Anmut und Würde*; *Vom Erhabenen*; *Über das Pathetische*; *Über Matthissons Gedichte*; *Über naive und sentimentalische Dichtung*; *Über epische und dramatische Dichtung*; *Über das Erhabene*.

<sup>38</sup> Para além de *Laoconte*, também *Hamburgische Dramaturgie*.

Para que estas questões possam ser exploradas, haverá que começar por um plano de trabalhos que, conjuntamente, defina o que é o observador estético e a eticidade implicitamente manifesta no desenvolvimento das suas capacidades de auto-observação e de contemplação do mundo que o rodeia, e que questione a (im)possibilidade de em Kierkegaard haver uma vivência do ético e do religioso que pressuponha uma vivência estética que não é prévia, mas simultânea.

### Referências Bibliográficas

- Adorno, Theodor, *Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen*, in *Gesammelte Schriften*, vol. 2, ed. Rolf Tiedemann, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1997. Trad. ingl.: *The Construction of the Aesthetic*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, p. 88.
- Barrett, Lee C., *Eros and Self-emptying. The Intersections of Augustine and Kierkegaard*, Grand Rapids, USA, Cambridge, UK: WM. B. Eerdmans Publishing Co., 2013.
- Brandes, Georg, «Søren Kierkegaard», in *Samlede Skrifter*, Copenhagen: Gyldendalske Boghandels Forlag (F. Hegel & Son), 1899, pp. 249-418.
- Cappelørn N. J. et al., ed., *Kierkegaard Monograph Series*, Berlin, New York: Walter De Gruyter, 1996-.
- Conway, Daniel W., ed., *Kierkegaard. Critical Assessments of Leading Philosophers*, vols. I-IV, London: Routledge, 2002.
- Davenport, John J. e Anthony Rudd, ed., *Kierkegaard After MacIntyre. Essays on Freedom, Narrative and Virtue*, Chicago and La Salle, Illinois: Open Court, 2001.
- Davenport, John J., *Narrative Identity, Autonomy, and Mortality: From Frankfurt and MacIntyre to Kierkegaard*, London, New York: Routledge, 2012.
- Evans, C. Stephen, *Kierkegaard. An Introduction*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Ferreira, M. Jamie, *Kierkegaard. Blackwell Great Minds 8*, Chichester: Blackwell, 2009.
- Fremstedal, Roe, *Kierkegaard and Kant on Radical Evil and the Highest Good: Virtue, Happiness, and the Kingdom of God*, London, New York: Palgrave, 2014.
- Gardiner, Patrick, *Kierkegaard. Past Masters*, Oxford: Oxford University Press, 1988.
- Green, Ronald, *Kierkegaard and Kant. The Hidden Debt*, New York: State University of New York Press, 1992.
- Green, Ronald, *Kant and Kierkegaard on Time and Eternity*, Macon, Georgia: Mercer University Press, 2011.

- Groys, Boris, *Introduction to Antiphrasology*, London, New York: Verso, 2012.
- Grøn, Arne, *Begrebet Angst hos Søren Kierkegaard*, Copenhagen: Nordisk Forlag, 1994. Trad. ingl. de Jeanette B. L. Knox: *The Concept of Anxiety in Søren Kierkegaard*, Macon, Georgia: Mercer University Press, 2008.
- Hammermeister, Kai, «Kierkegaard and Nietzsche», in *The German Aesthetic Tradition*, Cambridge, U.K., New York: Cambridge University Press, 2002, pp. 128-147.
- Hanson, Jeffrey, ed., *Kierkegaard as phenomenologist: an experiment*, Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2010.
- Henriksen, Aage, *Kierkegaards Romaner*, Copenhagen: Gyldendal, 1954.
- Henriksen, Jan-Olav, *The Reconstruction of Religion. Lessing, Kierkegaard, and Nietzsche*, Grand Rapids, Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2001.
- Houe, Poul et al., ed., *Anthropology an Authority. Essays on Søren Kierkegaard*, Amsterdam; Atlanta, GA: Rodopi, 2000.
- Hughes, Carl S., *Kierkegaard and the Staging of Desire. Rhetoric and Performance in a Theology of Eros*, New York: Fordham University Press, 2014.
- Jegstrup Elsebet, ed., *The new Kierkegaard*, Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- Jørgensen, Merete, *Kierkegaard som kritiker. En undersøgelse af forholdet mellem det æstetiske og det etiske i Kierkegaards litterære kritik*, Copenhagen, Gyldendal, 1978.
- Kierkegaard's Writings*, Princeton University Press, 1978-2000.
- Lessing, Gotthold E., *Werke und Briefe*, Deutscher Klassiker Verlag.; Band 5/2: Werke 1766-1769: *Laokoon*; Band 6: Werke 1767-1769: Minna von Barnhelm und Hamburgische Dramaturgie.
- Lisi, Leonardo F., *Marginal modernity: the aesthetics of dependency from Kierkegaard to Joyce*. New York: Fordham University Press, 2013.
- Mackey, Louis, *A Kind of Poet*, University of Pennsylvania Press, 1971.
- Matušík, Martin J. e Merold Westphal, ed., *Kierkegaard in post/modernity*, Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- Matušík, Martin J. Beck, «Kierkegaard's existential philosophy and praxis as the revolt against systems», in *The Edinburgh Encyclopedia of Continental Philosophy*, ed. Simon Glendinning, Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999, pp. 115-127.
- Morgan, Marcia, «Kierkegaard, Philosophical Fragments, and Critical Theory», in *Kierkegaard in Lisbon*, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 158-162.
- Nordentoft, Kresten, *Kierkegaards Psikologi*, Copenhagen: G.E.C. Gad, 1972. Trad. ingl. de Bruce H. Kirrmse: *Kierkegaard's Psychology*, Pittsburgh, Pennsylvania: Dusquene University Press, 1978; reimpressão, Eugene, Orgeon: Wippf and Stock, 2009.
- Pattison, George, *Kierkegaard and the Quest for the Unambiguous Life: Between Romanticism and Modernism - Selected Essays*, Oxford: Oxford University Press, 2013.

- Pattison, George, *Kierkegaard, Religion and the Nineteenth-Century Crisis of Culture*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- Perkins, Robert, ed., *International Kierkegaard Commentary*, 24 vols., Macon, Georgia: Mercer University Press, ed. Robert Perkins, 1984-2010.
- Poole, Roger, *Kierkegaard: The Indirect Communication*, University of Virginia Press, 1993.
- Purkarthofer, Richard, *Kierkegaard. Grundwissen Philosophie*, Stuttgart: Reclam, 2014
- Søren Kierkegaards Skrifter*, Copenhagen: Gads Forlag, 1997-2013.
- Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, n.º3-4, Jul-Dez. 2013, ed. Ingrid Basso.
- Schillers Werke. Nationalausgabe, Historisch-kritische Ausgabe*, hrsg. i.A. d. Stiftung Weimarer Klassik u. d. Schiller-Nationalmuseums v. Norbert Oellers. Vols. 20 e 21: *Philosophische Schriften*.
- Sharma, Anurag, «Waiting for Godot: a Beckettian counterfoil to Kierkegaardian existentialism», in *Samuel Beckett Today/Aujourd'hui*, vol. 2, *Beckett in the 1990s*, Amsterdam, Atlanta, GA.: Rodopi, 1993, pp. 275-280.
- Shestov, Lev, *Kierkegaard et la philosophie existentielle (« Vox clamantis in deserto ») [Kierkegaard i ekzistencial'naâ filozofiâ (Glas vopiučego v pustyne)]*, trad. T. Rageot e Boris de Schloezer, Paris: Éditions Vrin, 1939, 1948, e 1998.
- Sousa, Elisabete M. de, «O salto para a eternidade», in *Temor e Tremor*, Lisboa: Relógio d'Água, pp. 9-38.
- Sousa, Elisabete M. de, «The idea of Virtuosity in Kierkegaard's Thought», *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, n.º 3-4, 2013, pp. 987-1000.
- Sousa, Elisabete M. de, «Musical controversies in Nietzsche and Kierkegaard», in *Nietzsche and German Idealism and its Critics*, ed. Katya Hay e L. R. dos Santos, Berlin, New York: Walter De Gruyter, 2015. (no prelo)
- Sousa, Elisabete M. de, «Kierkegaard: a Virtuoso on many strings», in *Kierkegaard und das Theater*, ed. Klaus Müller-Wille e Sophie Wenerscheid, Beiträge zur Nordischen Philologie, Vol. 56. Tübingen: Francke, 2015. (no prelo)
- Sousa, Elisabete M. de, «Virtuosity and Incarnation», in *Metamorphosen des Heiligen. Vergemeinschaftung durch Sakralisierung der Kunst* (Reihe: Religion und Aufklärung), ed. Hermann Deuser, Markus Kleinert e Magnus Schlette, Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. (no prelo)
- Stewart, Jon, *Kierkegaard's Relations to Hegel Reconsidered*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- Stewart, Jon et al., ed., *Kierkegaard's Research: Reception, Sources and Resources*, Aldershot: Ashgate, 2009-.
- Stokes, Patrick e Adam J. Buben, *Kierkegaard and Death*, Bloomington & Indianapolis: Indiana U.P., 2011.
- Strelis, Anna, *Till we have selves. Formative education in Kierkegaard*, PhD. Dissertation, The New School, 2014.
- Theunissen, Michael, *Der Begriff Verzweiflung: Korrekturen an Kierkegaard*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993. Trad. ingl. de Barbara Harshav e Helmut Illbruck, *Kierkegaard's Concept of Despair*, Princeton: Princeton University Press, 2005.

- Wahl, Jean, *Études Kierkegaardianes*, Paris: Aubier, 1938; Paris: Librairie J. Vrin, 1967.
- Walsh, Sylvia, *Living Poetically: Kierkegaard's Existential Aesthetics*, Penn State University Press, 1994.
- Walsh, Sylvia, *Living Christianly: Kierkegaard's Dialectic of Christian Existence*, Penn State University Press, 2005.
- Walther, Bo Kampmann, «Web of Shudders: Sublimity in Søren Kierkegaard's *Fear and Trembling*», *MLN (Modern Language Notes)*, vol. 112, n.º 5, 1997, pp. 753-758.
- Watkin, Julia, *Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy*, Landham, Maryland, and London: The Scarecrow Press, Inc., 2001.
- Westfall, Joseph, *The Kierkegaardian Author: Authorship and Performance in Kierkegaard's Literary and Dramatic Criticism*, Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2007.
- Westphal, Merold, *Hegel, Freedom, and Modernity*, Albany, New York: SUNY Press, 1992.
- Ziolkowsky, Eric J., *The Literary Kierkegaard*, Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2011.

### Resumo

O artigo descreve o estado da arte da questão do estético na obra e no pensamento de Søren Kierkegaard. Não pretende ser uma análise exaustiva da recepção do estético. Em vez disso, é concebido em ordem a mostrar as principais incompreensões que atribuíram à ideia do estético papéis secundários em face do ético e do religioso. Apresenta ainda um exemplo actualizado das mais recentes obras que tomaram já o estético como categoria-chave e toma em atenção ao que ainda há que fazer, nomeadamente estudar as fontes teóricas e filosóficas que inspiraram Kierkegaard a definir o papel filosófico do estético e, em particular, o seu papel nuclear na filosofia existencial de Kierkegaard.

**Palavras-chave:** Kierkegaard – estética – recepção

**ABSTRACT**

This article describes the state of the art of the issue of the aesthetic in the work and thought of Søren Kierkegaard. It does not aim at being an exhaustive analysis of the reception of the aesthetic. Instead, it is conceived in order to show the main misunderstandings that have sentenced the idea of the aesthetic to secondary roles in face of the ethical and the religious. In addition, it presents an update of a sample of the most recent works which already take the aesthetic as a key category, and it draws attention to what still lies ahead to be done, namely to study the philosophical and theoretical sources that inspired Kierkegaard in order to be able to define the philosophical role of the aesthetic, in particular its pivotal role in the Kierkegaard's existential philosophy.

**Keywords:** Kierkegaard – aesthetics – reception